

DESAFIOS NA TERCEIRA IDADE: O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA SOB NOVAS PERSPECTIVAS

Fernanda Sevarolli Creston Faria *
Sandra Helena Correia Monteiro **

Resumo

O trabalho com a Terceira Idade tem crescido e necessitado de maiores estudos e pesquisas. Por isso o relato de nossa experiência no “Projeto de Extensão de Língua Estrangeira para a Terceira Idade” pretende salientar a importância da valorização do idoso principalmente no ensino de línguas estrangeiras, no nosso caso, o Inglês, mostrando vantagens, desafios e realidades da área.

Palavras-chave: Terceira Idade. Ensino/Aprendizagem. Língua Inglesa.

Abstract

Projects centered on the Elderly have come up recently and needed more studies and research. Due to this, our experience in the “Foreign Language for the Elderly Project”, a university’s community course, intends to highlight the importance of the Elderly value mainly in the Foreign Language Teaching, in our case, English, showing the advantages, challenges and its reality.

Keywords: Elderly. Teaching/Learning. English Language.

INTRODUÇÃO

A Terceira Idade deixou de ser tema da área de Geriatria e começou a ser assunto de todos nós. Isso devido ao aumento expressivo da comunidade de idosos, não só no Brasil, mas no mundo: temos dado mais atenção ao idoso em suas necessidades, seus anseios e perspectivas.

Encontramos vasta produção científica sobre o idoso enquanto objeto de estudo, em trabalhos envolvendo questionamentos e descobertas sobre o processo de envelhecimento, mas, somente agora, muito recentemente, podemos ver relatos de experiências sobre os idosos em atividade, o que demonstra que a Terceira Idade, enquanto tópico, saiu do papel e ganhou cunho expressivo e Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, vol. 9, p. 5, jan./dez. 2007 real em nossa sociedade. Os relatos de experiência com idosos enquanto agentes de seu processo de crescimento e expansão pessoal e social datam

* Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista no Projeto de Línguas para a Terceira Idade.

** Professora de Língua Inglesa do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

de no máximo dez anos, não mais que isso, ainda confirmando que o que temos na área deixa entrever abordagens incipientes, exigindo grande concentração de esforços e pesquisas relativas à melhoria da qualidade de vida do idoso.

Relatos como o de Zucarrello e Safons (2003) nos mostram que o idoso é uma parcela exigente da sociedade, que conta com experiência e conhecimento de mundo ímpares, capazes de criar um público diverso dos atendidos hoje. Público esse que cria laços de afeto e respeito e anseia os mesmos laços na relação professor/aluno. Como educadores, esperamos atender sempre à busca do conhecimento para engendrar projetos grandiosos, abrir portas de trabalho, obter êxito em concursos, entre outras finalidades. No caso do idoso, há uma diferença: eles buscam o conhecimento puro e desinteressado, valorizam cada minuto do contato com os colegas de classe e com o professor e, contudo, são exigentes e sabem bem o que estão fazendo dentro de nossas salas de aula.

1. NOSSA REALIDADE: INÍCIO E CONTINUIDADE

Desde 1991, a UFJF trabalha com a Terceira Idade, encontrando nesse público grande interesse, com a crescente procura por um atendimento de qualidade e direcionado às reais necessidades e aspirações dos idosos, sempre tendo em vista não deixá-los em situação de preconceito e/ou à deriva dos acontecimentos do dia-a-dia. Infelizmente nossa sociedade ainda é essencialmente tratada como jovem. Esquece-se de que, a cada ano, o Brasil se distancia desse fato, e começa a ganhar dimensões e características inerentes aos países já "idosos", demandando por novos e maiores empreendimentos na área da Terceira Idade.

Dentro do Projeto de Extensão intitulado "Projeto Língua Estrangeira para a Terceira Idade", desenvolvido prioritariamente no espaço da Casa de Cultura da UFJF, há o trabalho com língua estrangeira, sob coordenação da Professora Ângela Maria Gaudard Cheik Kaled. Nosso relato está focado no ensino de língua inglesa orientado pela Profa Dra Sandra H.C. Monteiro, sendo as aulas ministradas pela bolsista Fernanda S. C. Faria. No trabalho com língua estrangeira, conta-se ainda com ensino de francês, espanhol e italiano.

2. NOSSA EXPERIÊNCIA E SEU ARCABOUÇO TEÓRICO-PEDAGÓGICO

A bolsista Fernanda começou seu trabalho com o ensino de língua inglesa em maio de 2007, com duas turmas em nível iniciante, utilizando o livro *Basic Survival*, de Peter Viney na turma I e o livro *New Headway - Beginner*, de Liz and John Soares na turma II. A turma I atende hoje seis alunas que iniciaram aulas de conversação no mês de setembro de 2007 e que demonstram suas habilidades de comunicação ainda timidamente, mas caminham progressivamente. Já a turma II atende atualmente quatro alunas em nível básico, também em franco progresso.

Quanto à metodologia utilizada para o ensino da língua inglesa, pode-se dizer que as aulas são ministradas de forma mista, ora com a utilização do livro, ora com outros materiais de enriquecimento cultural, ou seja, trabalha-se muito com o que tecnicamente se chama 'Realia'. Esta última modalidade de ensino, como seu nome mesmo sugere, consiste em levar materiais de cunho realístico que façam com que os alunos estabeleçam um contato maior com a L2 - inglês, enriquecendo a aula no sentido de fazê-los utilizarem esses materiais de forma comunicativa e verdadeira no uso que fazem da língua.

Segundo o site do British Council (Conselho Britânico), 'Realia' em EFL - Inglês como Língua Estrangeira - refere-se a qualquer objeto ou afim que utilizamos em sala de aula para trazer o senso de realidade e utilidade à aula.

O termo ainda pode ser melhor explanado por Chiarantano (2005), professor canadense de Inglês como L2 que vê nessa modalidade um grande arcabouço pedagógico, uma vez que ele tem o seu ensino direcionado para alunos que nunca tiveram contato com o Inglês e mesmo aqueles com necessidades especiais. O uso de 'Realia' é compreendido e utilizado por Chiarantano da seguinte forma:

Realia consiste em objetos reais ou itens ou impressões que são utilizados em sala de aula para ilustrar e ensinar vocabulário ou servir como ajuda para facilitar a aquisição e produção da linguagem. Como funciona? Os materiais concretizam o vocabulário, a linguagem e o lugar a que se referenciam. Isso também permite ao estudante de línguas ver, ouvir, e em alguns casos tocar nos objetos (Tradução nossa)

Nas aulas com a terceira idade, um aspecto a ser destacado é o afeto e respeito dado ao professor. A aula muitas vezes começa como laboratório sentimental ou conta com experiências pessoais dentro do âmbito de estudos. Precisamos entender essas interferências pessoais como positivas para o processo de ensino/aprendizagem, não perdendo as oportunidades pedagógicas ensejadas pela participação da própria turma, explorando vocabulário e estrutura, contando com o engajamento de todos no que tange à aquisição de conhecimentos não só lingüísticos, mas também culturais.

Tendo em vista o quadro acima descrito, não devemos deixar de incentivar os alunos de uma maneira geral. Para isso, lançamos mão, também, do que se chama 'Affective Teaching' (literalmente 'ensino afetivo'), que é uma outra modalidade de ensino que envolve os sentimentos e trabalha a proximidade do professor com seus alunos, como uma forma de respeitar as limitações e incentivar os progressos. Utilizamos muito a modalidade afetiva nas turmas, porque compreendemos que os alunos da Terceira Idade necessitam de respeito e apreciam valores morais. Lembramos que o professor precisa atentar para os detalhes acerca do universo de referência humana e social dos alunos, o que ajuda a compor sua "afetividade". Nunca poderemos desmerecer os alunos, o que de certo resultaria na sua perda ou desmotivação. Segundo Rompelman (2002), essa modalidade de ensino deve ser compreendida e aplicada, e o autor aponta:

Parte do problema com a aceitação de sentimentos é que a maioria de nós, alunos e professores, não somos capazes de identificá-los. (...) Alunos (e professores) também precisam compreender que emoções negativas são normais. Simulações da realidade oferecem excelentes situações em que os alunos possam aprender a lidar com suas emoções. Podemos todos instruir e aprender afetivamente, e essa instrução afetiva não é difícil de compreender. Um simples sorriso e um cumprimento na porta da sala de aula são o início do desenvolvimento da relação com o aluno.

(Tradução nossa)

A estratégia 'Affective Teaching' ajuda no desembaraçar das aulas de uma forma que traga os alunos para mais próximo do professor. Laços de afetividade devem ser compreendidos em sala de aula não como uma forma de extrema aproximação, mas como uma ponte que possibilitará ao professor engendrar planos de aula que atendam à expectativa do aluno e que não

frustrem sua busca dentro da aprendizagem de L2. De fato, em nossa experiência, podemos relatar momentos em que obtivemos sucesso e fracasso: com certeza, quando estivemos mais próximos dos alunos - respeitando e tentando compreender sua afetividade - o sucesso era eminente; já quando nos víamos "afastados" das opiniões da turma, tendíamos para o fracasso.

Exemplos claros do sucesso empreendido pela interferência pessoal nas aulas fazem com que, hoje, elas possam ser mais dinâmicas e versem sobre a realidade de cada aluno e, assim, não se distem do cotidiano, nem trabalhem um ideal lingüístico irreal e distante. Sobre esse aspecto do processo ensino/aprendizagem, é fundamental citar Freire (2002): "Por que não estabelecer uma necessária intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?"

Uma experiência interessante que tivemos com o 'Affective Teaching' aconteceu quando demos a sugestão de se utilizar músicas que fossem escolhidas pelas alunas, o que, de fato motivou as aulas. Com a ajuda de uma delas, conseguimos várias músicas antigas, o que as emocionou e alegrou como nunca havíamos imaginado. A utilização das letras de música como material didático também é muito eficaz, enriquecendo o vocabulário e abrindo discussões sobre gramática.

Devemos ainda citar que um dos métodos utilizados é o Comunicativo. Esse método, de base construtivista, acentua o uso da colaboração em grupo e motiva as práticas sociais interativas como eixo do aprendizado, deixando claro que a língua deve ser alvo de aprendizagem com vistas ao seu uso como fator de comunicação social. As aulas são marcadas pela participação ativa das alunas que, muitas vezes, insistem no uso de L1 - português - para a comunicação interindividual ou intergrupar, talvez por receio de utilizar a L2 - inglês, ainda em aquisição. Também, há a forte influência da tradução, o que nos remete aos antigos métodos tradicionais de ensino de línguas que contemplavam essa prática, como é o caso dos métodos de base estruturalista.

Há ainda o método clássico de tradução, onde o aluno se baseia na tradução para a aquisição de língua estrangeira. Tendo sido um dos primeiros métodos para ensino de língua, passou a ser conhecido no final do século XIX como 'Método de Gramática e Tradução'. Percebemos nos alunos que estudaram línguas

há algum tempo e têm sua aprendizagem da língua marcada por esse método, uma tendência fortemente marcada pela tradução e pelo estudo bem definido das estruturas gramaticais. Contudo, o método comunicativo se diferencia do método de tradução por envolver mais o aluno com a realidade e despertá-lo para o uso efetivo da língua, - mesmo que em alguns poucos momentos, seja necessário recorrer à tradução para esclarecimentos de dúvidas. É importante ressaltar que não mais o método de tradução é utilizado puramente. A utilização deste método com eficácia deve ser aliada a outros métodos para o alcance do sucesso esperado no ensino de L2 - inglês.

Aqui está, sem dúvida, um grande desafio: mostrar aos alunos que a tradução não é uma prática que deva ser banida de suas mentes. Uma vez que lidamos com idosos, não podemos querer simplesmente fazer com que esqueçam algo já cristalizado como parte de suas experiências pessoais, mas podemos perceber claramente que, ao ensinar-lhes outros meios de utilizar a tradução - que não o uso constante da mesma - seu processo de aquisição lingüística se faz mais eficaz e de certo eficiente. Uma das primeiras conclusões pedagógicas que depreendemos da nossa experiência de ensino/aprendizagem com a Terceira Idade foi a de mostrar a necessidade e o porquê de se adequar uma técnica antiga a novos usos. Assim, não devíamos simplesmente impor-lhes uma realidade e exigir que a adotassem como num passe de mágica.

As aulas de inglês levam a marca registrada das turmas. Temos alunas que viajam constantemente, alegando a necessidade do domínio da língua, outras que têm filhos e netos no exterior, alunas que têm uma profunda curiosidade pelo idioma, não para viagens ou contatos, mas para enriquecimento cultural, etc. São muitas as razões que nos fazem realizar aulas descontraídas e inovadoras, não perdendo nunca o foco na aquisição do inglês.

Mesmo com aulas motivadas e uma evolução visível, convivemos com desníveis em uma mesma turma. Há as pessoas que já estudaram inglês por algum tempo; há outras que o conheceram ali; e outras ainda que já dominam um pouco da língua, que adquiriram-na de maneira informal, casual e pouco sistemáti-

ca. Portanto, nesse caso de heterogeneidade, a postura que entendemos como apropriada é a de ir conhecendo a turma aos poucos, capacitando uns alunos e acompanhando outros, preparando aulas que sejam interessantes a todos e jamais enfadonhas a ponto de ocasionarem desistências.

CONCLUSÃO

Apesar do pouco aparato técnico e didático, e de não dispormos de material didático específico, ou seja, voltado exclusivamente para idosos, progredimos na medida do possível. Cada aula se torna um laboratório onde buscamos adequar o uso e ensino da L2, promovendo a participação ativa dos alunos, motivando-os através de técnicas novas, levando para o contexto de sala de aula sempre o que condicione e redimensione o idoso no âmbito do aprendizado de língua.

Há um grande anseio em se apresentar alguns dos resultados obtidos no trabalho com a Terceira Idade dentro do ensino de língua inglesa. Anseio resultante da observação de sucessos e fracassos inerentes a qualquer processo, acima de tudo, a um processo ainda não tão bem conhecido e documentado, como o trabalho realizado para atender à demanda desse novo público, hoje claramente exigente e crescente.

Para concluirmos nosso pequeno relato, damos destaque à fala de uma aluna da Terceira Idade, que diz que o idoso não precisa ser tratado como criança: precisa, sim, ser respeitado e tratado como ser humano, capaz de aprender, compreender, apreender e decodificar com sucesso várias linguagens e conceitos; sendo ele detentor de saberes e por isso hábil o bastante para desfazer mitos e se adequar a novas realidades, mesmo dentro da aquisição de uma modalidade lingüística e cultural, diferente de sua origem, traduzida e enriquecida com uma língua estrangeira, independentemente de qual seja ela.

REFERÊNCIAS

Bright ideas tips for teaching ESL to the elderly. Coalition of Limited English Speaking Elderly Aguirre Institute. November 2000.

BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. New Jersey: Prentice-Hall, 1980.

BUDDEN, Jo. **Teaching tips: realia**. Disponível em : <http://teachers.net/classifieds/tcm/topic144/2.10.06.16.22.23.html>. Acesso em: 13 outubro de 2007.

CHIARANTANO, Stefan. **Realia**. Using english site - articles. August 13, 2005 Disponível em: <http://www.usingenglish.com/weblog/archives/000228.html>. Acesso em: 13 outubro 2007.

EHLERS, Caroline S. Clauss. **Diversity training for classroom teaching: a manual for students and educators**. Springer US, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOMES, Renata de S. **Uma esperança sobre o futuro do ensino de inglês como segunda língua**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno08-17.html>. Acesso em: 13 de outubro de 2007.

ROMPELMAN, L. **Affective teaching** (pp. 27 – 35). Lanham, MD: University Press of America. 2002.

SAFONS, Marisete Peralta. **Qualidade de vida na terceira idade: uma proposta multidisciplinar**. Relato de experiência UnB – Brasília – DF. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 9 - N° 64 - Septiembre de 2003. Acesso em: 13 outubro 2007.

ZIMMERMAN, Cheryl B. **Historical trends in second language vocabulary instruction**. Second language vocabulary acquisition. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press, 1997.

ZUCCARELLO, Maria Franca. **Aulas de italiano e de outras línguas estrangeiras para a ‘melhor idade’ UERJ – Rio de Janeiro – RJ**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno08-04.html>. Acesso em: 13 outubro 2007.

